

# Colóquio Internacional Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 – [www.tvrealidade.ufba.br](http://www.tvrealidade.ufba.br)



Universidade Federal da Bahia  
Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas  
Grupo de Análise de Telejornalismo



## Projeções da Geração 68 na minissérie *Queridos Amigos*

Claudio Cardoso de Paiva<sup>1</sup>

**Resumo:** A minissérie *Queridos Amigos* segue a trilha da Geração-68, que sobreviveu à ditadura e fez a revolução cultural nos anos 70, até o fim dos *youppies* anos 80. Trata-se de uma narrativa recheada de personagens inconformistas, alguns exilados de retorno ao país, após a abertura política em 1979, que se reencontram em 1989, ano das eleições diretas para Presidente e queda do muro de Berlim. Coincide com a efeméride mundial do ano 1968, na literatura, jornalismo, televisão, e mostra a passagem das utopias sociais ao individualismo e à globalização dos anos 80. A obra lança, sobretudo, uma mirada na nossa complexidade sociocultural, e numa dimensão poética e filosófica, elabora uma moldura sensível para contemplarmos a passagem do tempo, o enigma da morte e o sentido da fraternidade.

**Palavras-chave:** ficção – história - política

---

<sup>1</sup> Prof. Associado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFPB; Dr. em Ciências Sociais, Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne; Mestre em Comunicação, Universidade Federal da Paraíba; Coautor do Livro *Mídias e Culturalidades*, Ed.UFPB, 2008.

## 1. Introdução

As minisséries distinguem-se das telenovelas pelo seu caráter de obra fechada e pelo formato em curta duração, permitindo uma condensação narrativa ágil, que informa, atualiza e instiga a imaginação dos leitores-telespectadores. Resultam de um trabalho mais elaborado, em que os autores, diretores e intérpretes têm tempo de refletir, ensaiar e refinar uma discussão das temáticas sociais complexas, além de priorizar as relações entre a ficção, a história, a sociedade e a política.

*Queridos Amigos*, como as minisséries *A muralha*, *Os Maias*, *A casa das sete mulheres*, *Um só coração*, *Anos Rebeldes* e *JK*, sinaliza uma outra maneira de se escrever a história. Consiste numa imaginação estética e social, em que concorrem as evidências documentais e diferentes modos de oralidade, visualidade e textualidade, revelados pela potência dos audiovisuais. A minissérie cobre uma década da história (1979-1989), a rigor, os anos 80, mostrando a geração-68 (também chamada “Geração AI-5”), que amadureceu sob a ditadura militar, vivenciou a utopia das transformações sociais, a contracultura e contribuiu para mudanças na mentalidade, linguagem e comportamento de vastos segmentos da sociedade brasileira.

*Queridos Amigos* se passa no final dos anos 80, um período bastante turbulento no Brasil e no mundo, com a perda das referências das esquerdas e a expansão do individualismo. A trama mostra um grupo de amigos separados em função das relações amorosas, da política, de mágoas e ressentimentos mal resolvidos. Léo, Lena, Pedro, Ivan, Lúcia, Pingo, Tito, Bia, Benny formavam um grupo que se conheceu na década de 70, em plena ditadura militar<sup>2</sup>. Nos colégios, faculdades e trabalho por que passaram, os amigos estabeleceram uma amizade profunda, a ponto de se referirem ao grupo com a família. Separados ao longo do tempo, o grupo havia se reunido pela última vez no reveillon de 1980. Em novembro de 1989, Léo, que havia registrado em vídeo o último encontro do grupo, toma a iniciativa de reuni-lo novamente. A idéia surgiu de um sonho enigmático em que ele bate com o carro e mergulha para a morte nas águas de uma represa. Detalhe com que Léo não contava, no entanto, é que os amigos tinham seguido caminhos tão diferentes. Ele mesmo, formado em arquitetura, preferiu trabalhar com cinema e publicidade. Bia, também arquiteta, hoje sobrevive lendo a sorte nas

---

<sup>2</sup> A rigor o grupo é formado por Dan Stulbach (Leo), Débora Bloch (Lena), Bruno Garcia (Pedro), Luiz Carlos Vasconcelos (Ivan), Matheus Nachtergaele (Tito), Denise Fraga (Bia), Guilherme Weber (Benny), Drica Moraes (Vania), Maria Luisa Mendonça (Raquel).

cartas. Pedro, que foi um escritor de sucesso, vive atormentado pela culpa que julga ter pela morte da esposa. Ivan é jornalista e chegou a ser preso no período de repressão. Lena, outra integrante do grupo, é uma bela mulher que viveu um caso amoroso com Ivan, mas, para sua decepção, ele continuou casado. Lúcia agora é uma psicoterapeuta de sucesso. Pingo é professor universitário. Tito, também jornalista, mantém convicções políticas de esquerda e Benny é homossexual e bem sucedido dono de editora.

Cf. Site Teledramaturgia <http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm>

Enredada nas malhas da história, esta obra de ficção retrata um momento em que o espaço público já se tornara refém dos efeitos da midiaticização social e política, imerso no contexto do turbocapitalismo, da sociedade de consumo, atravessado pela lógica da velocidade e fragilização dos laços sociais.

A série se distingue pelo exercício de uma consciência crítica, revigorada pelo resgate da memória e percepção sensível do cotidiano de um grupo de cidadãos, contribuindo para um balanço dos valores que orientam o contexto sociocultural e político contemporâneo.

Uma minissérie de 25 capítulos exigiria espaço e tempo para uma análise mais detida; assim, estrategicamente, mapeamos alguns eixos temáticos que estruturam a narrativa, percebendo como ali se projetam os personagens e as situações, uma representação que nos leva a uma reflexão dos afetos, da ética e da sociabilidade. Para discutir a minissérie, capturamos no site de vídeos *YouTube* algumas cenas que nos parecem fundamentais, contendo diálogos, gestos, enfim discursos, que - de certo modo - nos dão a conhecer alguns matizes da formação sociocultural brasileira. E a partir de algumas leituras no campo da antropologia, sociologia, psicologia e história, fazendo interface com o campo das ciências da comunicação buscamos decifrar o sentido estético e social da minissérie *Queridos amigos*.

## **2. Complexidades na interface do individual e o coletivo**

O protagonista, interpretado por Dan Stulbach, é inspirado no jornalista Décio Bar, amigo da autora, que se suicidou em 1991, acometido de esclerose múltipla, mas na transposição do livro para o vídeo o suicídio não é evidente. Sendo um empresário bem sucedido no mercado do cinema, da publicidade e mágico amador, é um

personagem em preparação para a morte e busca fazer dessa experiência uma obra de arte. Empenha-se no resgate da atenção do filho e dos amigos do passado, principalmente através do exercício do saber-ouvir, paciência, compaixão e solidariedade. Léo alerta os companheiros a despertarem para as formas possíveis de realização de seus desejos, instiga-lhes a vontade de perceber o que pode ser mudado para melhor em suas vidas.

O ritual de solidariedade experimentado pelos personagens expressa a modalidade de um *ethos* agregador, uma consciência trágica iluminada pelo sentimento de pertencer a uma comunidade. Um modo de existência que ganha significado a partir de uma comunicação permanentemente irrigada pelos fluidos afetivos, superando as vaidades, os egoísmos e narcisismos exacerbados. Como no *Ensaio* de Montaigne (em memória do amigo Étienne de la Boétie), a narrativa encarna a idéia da verdadeira comunicação que se realiza por meio da amizade, e como veremos, esta experiência não se perfaz sem obstáculos devido às limitações e idiossincrasias humanas.

A partir desse *ethos* agregador a minissérie propicia a instauração de um certo desconforto no imaginário da sociedade de consumo, caracterizada pela índole narcisista<sup>3</sup>, pela exigüidade dos contatos humanos, pelas amizades líquidas, velocidade e virtualidade das relações inter-pessoais. *Queridos Amigos* resgata a memória histórica do nosso passado recente, contemplando o mal-estar e o sonho de felicidade da geração-68, projetados nos anos 80.

A repetida exibição de uma velha fotografia dos amigos reunidos no passado constitui um ícone importante na narrativa, assim como o registro em vídeo do retorno dos exilados, em que se justapõem às imagens e depoimentos de Fernando Gabeira, Dante de Oliveira, Miguel Arraes, Betinho, Henfil, entre outros. Ao fim dos anos 80, os personagens realizaram uma viagem de retorno às suas dimensões mais intimistas; havia chegado a hora de reconstruir o mundo interior, reordenar os espaços da vida privada e da vida pública. É uma ficção significativa, pois, “remando contra a maré” num

---

<sup>3</sup> Conviria lembrar - nessa direção - os estudos de Lasch, *A cultura do narcisismo* (1983), Costa, *Narcisismo em tempos sombrios* (1991) e Muniz Sodré, *Máquina de Narciso* (1984), olhares pertinentes para uma exploração dos estados narcisistas da sociedade contemporânea, enfrentados por Adelaide Amaral pelo prisma da fraternidade.

contexto audiovisual marcado pela exibição e intensificação das vaidades, culto exacerbado das celebridades, espetacularização do real e hipertrofia da violência urbana, lança um olhar maduro, realista e poético sobre os regimes de afetividade e sociabilidade na paisagem nublada do “breve século XX”.

### **3. Do livro às telas, os itinerários da geração-68**

Relembrando as tramas psicológicas, sociais e políticas vividas pelos personagens reais que participaram do seu itinerário existencial, na segunda metade do século XX, a escritora Maria Adelaide Amaral fez um roteiro instigante: a minissérie *Queridos Amigos*, adaptada do seu próprio livro (*Aos meus amigos*, 1992), ganhou vigor e profundidade na direção geral de Denise Saraceni. Consiste numa teia semiótica vigorosa que traduz as falas, os olhares e gestos, as modalidades dos vínculos, a aproximação das fronteiras entre pessoas bem diferentes. E revela igualmente os traços psicológicos e sociais de uma geração que rompeu com os valores morais e políticos de seus predecessores, antecipando um outro repertório de referências éticas, filosóficas, políticas e sociais para as gerações seguintes.

Mergulhando nas camadas históricas e sentimentais, a minissérie projeta as afinidades e divergências, as cumplicidades e rivalidades entre os indivíduos que participam de um espírito comum, de família, de comunidade, sem deixar de apresentar suas gritantes particularidades. A geração, a comunidade, não é homogênea, os seus membros são diferentes na maneira como interagem na vida em família, no campo dos afetos, nas relações conjugais, nas atividades da vida pública e eticamente têm que lidar com as dificuldades nas relações entre os gêneros, enfrentar o abismo das desigualdades socioeconômicas, a solidão e os condicionamentos da vida globalizada.

No trajeto de dez anos se tornaram hippies, professores, jornalistas, empresários, astrólogos, médicos, escritores, psicólogos, donas de casa. As suas visões de mundo e experiências pessoais expressam diversidades fundamentais, mas que não os impede de formarem conjunções afetivas e encontrarem aí uma elevação na qualidade da vida psíquica e social, principalmente a partir do reencontro com Léo, que vivencia a

experiência extrema de proximidade com a morte, uma consciência profunda da existência, mas movido pela alegria de viver, deseja partilhar tudo isso com os demais.

A série resgata lembranças dos que vivenciarem os anos rebeldes e atravessaram os anos youppies, a guerra fria, passando por Reagan, Thatcher, Bush, Nova República, Plano Cruzado até a disputa presidencial entre Collor e Lula. Contempla uma geração que conheceu a hiperinflação, as crises econômicas, a irrupção da AIDS e o narcotráfico, chegando aos “anos líquidos” da modernização industrial-tecnológica e da globalização. É neste contexto que percebemos a transformação no regime dos afetos, das identidades e o esforço da construção de novos modos de subjetividade.

O pensador Edgar Morin (2008) fala sobre a importância de se recuperar a experiência do “dom”, da doação, algo ausente no repertório dos valores contemporâneos, em que as trocas afetivas equivalem às trocas monetárias. Esta atitude de doação preside o sentido da narrativa, voltada para as bases éticas fundamentais da vida em comum, dos vínculos afetivos e sociais mais elementares.

#### **4. Trilha sonora, educação estética e sentimental**

No percurso da teledramaturgia nacional têm-se projetado imagens, textos e sons reveladores da história recente da vida social e política brasileira. E por essa via, a minissérie *Queridos Amigos* nos refina os sentidos para entendermos uma experiência afetiva e social como a nossa, resultado de uma sensibilidade cultural híbrida, que se traduz claramente sob a forma da musicalidade. Logo, as trilhas sonoras têm atuado nas minisséries revigorando a memória e a percepção sensível do social, elevando a autoestima, promovendo a catarse e a liberação do imaginário nacional.

Assim, a trilha sonora da série ativa uma camada de significação marcante na construção da narrativa: a poética musical de Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Rita Lee, Cazuza, Blitz, as Frenéticas e outros artistas é aqui fundamental, primeiramente porque resgata a memória histórica, psicológica e social, depois porque irradia uma consciência estética, aglutinando os afetos, as sensações e os sentimentos que asseguram o arrebatamento e o espírito de

comunhão, ou seja, propicia o acesso a uma dimensão superior de educação estética, sensorial, cognitiva.

Como expressões da grande arte, as canções que compõem a trilha musical desta minissérie funcionam de maneira catártica, porque atualizam e revitalizam os corações veteranos, e porque dialogam efetivamente com as novas gerações, falando do amor, da solidão, dos encontros e das separações, das frustrações e das grandes conquistas humanas. Pode-se dizer ainda que a sonoridade de *Queridos Amigos* promove uma sensibilidade universal que transcende as épocas, resgatando os acordes melódicos de artistas como Eric Clapton, Queen, Janis Joplin, Rolling Stones, entre os donos de outras vozes, cantos e ritmos que sintetizam as emoções das vastas gerações ocidentais dos anos 70 e 80; hoje, já clássicas no imaginário coletivo, as canções revigoram o sonho de liberdade, o desejo de transcendência e a vontade de transformação.

## **5. O super-homem e a alegoria da liberdade**

As cenas do retorno dos amigos do exílio político, registradas em vídeo e a imagem no retrato destes amigos em confraternização, durante “os anos de chumbo” são iconicidades grandiosas que remetem às utopias e ao engajamento, mas traduzem, sobretudo, o espírito coletivo, um legado importante da geração-68. Entretanto, pelo prisma de uma semiose ético-política, certamente a cena mais arrebatadora reside no enfrentamento pelas vítimas da repressão de um de seus algozes.

Numa abstração mais elevada, recorrendo ao Nietzsche autor de *O crepúsculo dos ídolos* (1983), encontramos *insights* pertinentes para interpretarmos os afetos regressivos como os sentimentos de vingança, frutos do ressentimento; uma paixão inferior, um sentimento de escravo. Para o “super-homem” (de Nietzsche) norteado pelos valores afirmativos e superiores, faz-se necessário exorcizar as paixões inferiores e transcender o “eterno retorno do reprimido”. É por aí que podemos entender a ética da vingança como inferior e a vontade de linchamento público, que caracteriza a moral do rebanho, como expressões do recalque e da pulsão de morte, sintomas de uma cultura do ressentimento.

Na narrativa há um matiz de dignidade na maneira como Iraci, a mãe de Bia (traumatizada pela tortura) e os seus amigos enfrentam o carrasco (Nenê/Nelson Diniz). Solidários, participam do encontro com o torturador, com indignação e revolta, mas agem de maneira contrária à moral dominante, que clama pela justiça do “olho por olho, dente por dente”, num contexto social desequilibrado. De algum modo, Maria Adelaide Amaral toca na ferida da sociedade midiática, minada pela violência, falência do espaço público e fragilidade das instituições, e a filosofia subjacente à trama é nobre pela maneira como nos situa - leitores, espectadores, cidadãos - diante do mal.

Como na literatura, no teatro, no cinema, a minissérie fustiga as dobras da alma humana, instiga a superarmos o sentimento da falta, a dor da perda, as frustrações, mas, sobretudo, a enfrentar o medo, as situações de ultraje e aviltamento, e nessa perspectiva nos atira numa outra esfera do Acontecimento, outra dimensão ética e moral, pois nos leva a nos identificarmos com os “amigos”, quando um deles está morrendo e assim nos alerta para a difícil arte de se cultivar amizades sólidas e duradouras, numa época de valores líquidos e esta talvez seja uma das suas maiores subversões.

## **6. Os indivíduos, as tribos e as revoluções moleculares**

A minissérie é contundente na medida em que se desloca transversalmente do discurso político engajado ou institucional para a dimensão propriamente ético-política da existência. Focalizando as expressões da “micropolítica” (Foucault) e das “revoluções moleculares” (Guattari), mostra a passagem da luta pela democracia (nos anos 70) à luta pela cidadania (nos anos 80), da revolução dos costumes à batalha pelo estabelecimento dos direitos humanos. Apresenta um feixe de linhas evolutivas no estilo de pensamento, nas maneiras de falar e agir de ambos os gêneros, sobretudo das mulheres que têm virado do avesso as arcaicas estruturas patriarcais<sup>4</sup>. E mostra também a afirmação das minorias ideológicas, incluindo os gays, as lésbicas e os transexuais, empenhados na conquista da cidadania com base justamente nos direitos humanos e nas liberdades individuais.

---

<sup>4</sup> Este, aliás, é um tema freqüente nas minisséries, conforme podemos perceber assistindo, por exemplo, ao Memorial de Maria Moura, Chiquinha Gonzaga, Hilda Furacão, A casa das sete mulheres, entre outras.



O desmantelamento das identidades e sociedades tradicionais e a configuração das identificações e subjetividades na nova cartografia social planetária é algo percebido pelos estetas e pensadores Hocquenghem & Schérer (1986), como irradiações da “alma atômica”, fragmentações resultantes do próprio estágio psicológico, social, político e ecológico do mundo em que vivemos. Num outro registro, autores como Guattari & Rolnik (1987), fazendo as “cartografias do desejo” das gerações pós-68 e Michel Foucault (1979), decifrando os agenciamentos micropolíticos das minorias ideológicas, explicam o significado das “revoluções moleculares”. E é por esta via que podemos interpretar o perfil dos personagens e a natureza da ambiência na qual se inscrevem, entendendo que mimetizam e ao mesmo tempo atualizam os pensamentos, discursos e atitudes dos personagens reais, nos interstícios dos anos 70 e 80.

Na trama, Lena (Débora Bloch) foi obrigada a abandonar o marido Pingo (Joelson Medeiros) e a filha Marina devido ao caso amoroso com Ivan (Luis Carlos Vasconcelos), casado e sem coragem de deixar a mulher; mas posteriormente ela descobriria os casos secretos homossexuais do marido, que, em acordo com sua própria mãe a afastara de sua filha; hoje, Lena quer reconquistar a filha e seu desafio será conciliar este objetivo com a relação amorosa que mantém com Ivan.

Rachel (Maria Luiza Mendonça) dá a volta por cima após a traição do marido, se “joga na estrada” para ser empresária de uma banda de rock e se torna a namorada do vocalista, numa atitude que remete ao imaginário pop dos “loucos” anos 60/70. Logo, a minissérie remonta o espírito comum vigente na segunda metade do século XX, resgatando as imagens do psicodelismo, dos hippies e da cultura alternativa; refazem-se assim, a ambiência, o vestuário, a linguagem, os cultos esotéricos, o naturalismo e a poética das canções que relembram a sensibilidade musical da “era de aquarius”.

Tito (Mateus Nachtergaele) encarna o clichê do chamado personagem “bicho-grilo”, em anacrônico revolucionário pós-68, que, em meio à crise econômica, mesmo sendo um jornalista reputado é obrigado a prestar seus serviços numa revista pornô. Sofre amargamente a ausência da esposa Vânia (Drica Moraes) e dos filhos, que agora formam uma nova família com o padrasto Fernando (Tato Gabus), um youppie, executivo bem sucedido, que cobre as crianças de presentes. Vânia, por sua vez, tenta

reconciliar os opostos, enquanto se dedica ao trabalho filantrópico numa ONG, preservando o *ethos* de solidariedade que marcou grande parte de sua geração.

Pedro (Bruno Garcia) se tornou depressivo, pois se sente responsável pela morte da esposa num acidente automobilístico; fora um escritor de sucesso, com livros publicados em vários países, sendo custeado por Benny, que o assedia em vão, mas agora vive de “fazer bicos” graças à ajuda dos amigos.

Benny (Guilherme Weber) é um personagem gay, que vive em comportamento de risco, sua linguagem é ácida e se dedica perversamente a disseminar a discórdia, principalmente após ter descoberto que contraiu o vírus da AIDS; Léo – à custa de muitos esforços - vai mediar a convivência instável de Benny com os outros amigos. Neste núcleo habitam os travestis Cíntia (Odilon Esteves) e Brenda (Ricardo Monastero), que tendo sido frequentemente estigmatizados na mídia, são aqui representados respeitosamente, como pessoas que vivem da arte transformista e fazem programas sexuais, e - à sua maneira - se empenham numa vida honesta, dentro dos limites éticos da convivialidade. São feras feridas em trânsito no itinerário das selvas urbanas, terreno dos afetos violentos, num contexto em que se expressam as identidades híbridas e as formas difíceis de sociabilidade.

Projetam-se na trama igualmente as experiências afetivas e sensuais da “terceira idade”: os veteranos (Juca de Oliveira e Fernanda Montenegro) namoram livremente (mesmo ela sendo viúva e ele casado) e experimentam um estilo de vida mais livre, indicando uma forma de politização da conduta e a elevação da auto-estima de uma faixa etária normalmente representada de maneira triste, ressentida e solitária.

Ao mesmo tempo, liricamente, a minissérie focaliza a complexidade das ligações amorosas entre os jovens - cunhados poeticamente por Renato Russo, como a “geração coca-cola” - se iniciando na vida adulta e experimentando os primeiros contatos afetivos, livres da repressão sexual sofrida pelas gerações que os precederam; jovens que vivenciam novos sonhos de felicidade e enfrentam novos desafios.

## **7. As luzes da ficção e as sombras da história**

“As diferenças pessoais, políticas, editoriais, não podem ser maiores que os afetos; a vida é maior que isso, a vida é maior que a gente”.

(Fala de Leo para Pedro em cena da minissérie *Queridos Amigos*).

*Dancing Days* (Gilberto Braga) talvez tenha sido a primeira telenovela que se aproximou do tema da “repressão política”, inserindo na teledramaturgia a protagonista Júlia Matos, encarnada por Sonia Braga, sendo prisioneira política, acusada de assalto à mão armada e envolvimento com grupos terroristas nos anos 70. Evidentemente, nessa narrativa realizada em 1978, o tema foi diluído num contexto turbulento e espetacular, quando o país mergulhava ao ritmo das discotecas. Mas, no que concerne especificamente à tortura,

“... na televisão, a revelação pública da tortura, no regime militar, foi feita pela primeira vez na telenovela *Roda de Fogo*, de Lauro César Muniz, por meio da personagem interpretada por Eva Vilma”. (Chaparro, 2005).

Em *Araponga* - minissérie de Dias Gomes (1990/91) - contemplamos a sátira de um agente policial da ditadura (Tarcísio Meira), que de maneira ridícula, vive chupando o polegar e tem o hábito infantil de roer as unhas, fragilizado no colinho da mamãe. Em *Anos Rebeldes* (1992), a violência é dissimulada e então podemos ver ali somente os seus sintomas: a personagem de Cláudia Abreu mostra aos pais, discretamente, em casa, os sinais da tortura que sofreu na própria pele. Em *JK* (2006), enxergamos as evidências da repressão militar, por meio das cenas das prisões, cassação dos direitos políticos, exílio e censura à imprensa. Enfim, há várias passagens nas telenovelas e minisséries, cujos autores buscaram expor as arbitrariedades do sistema repressivo, o que gerou, de certa forma, um tipo de catarse junto aos que sofreram com a ditadura.

Cumpramos lembrar que o cinema nacional (e latino-americano), em grande parte difundido pela televisão, tem sedimentado os alicerces para uma semiologia crítica dos chamados anos de chumbo: *Matou a família e foi ao cinema*, *Pra frente Brasil*, *O que é isso companheiro?*, *Zuzu Angel*, *Condor*, *Vlado*, *Batismo de fogo*, entre outros, são alguns exemplos de filmes marcantes abordando esta fase da história.

Em *Queridos amigos* observamos que muitos dos personagens carregam consigo as marcas da repressão e da tortura: o personagem Tito radicalizou a sua perspectiva

ideológica e a personagem Bia, sofre o trauma psicológico das torturas pelas quais passou nas instalações policiais do DOI-CODI (em S. Paulo). E verificamos que cada um dos componentes da “família” encontra no apoio dos amigos as forças para esquecer o mal-estar, dissipar a dor e revigorar as suas estratégias de sobrevivência.

### **8. A política oficial e a politização do cotidiano**

Em verdade, no Brasil, diferentemente de outros países latino-americanos, a passagem do sistema autoritário ao processo democrático foi conduzida de maneira sistematicamente controlada: relembramos da gestão do General Geisel, em que os militares não falavam em “abertura política”, mas “distensão, lenta e gradual”. Ao fim do regime, tivemos a derrota do movimento pelas eleições diretas e a morte do Presidente eleito Tancredo Neves levou ao Palácio do Planalto José Sarney, filiado ao partido da situação, portanto com estreitas ligações com o regime dos militares. Estes são alguns dados importantes para entendermos a formação do imaginário político da história recente do país, marcado sistematicamente pela frustração da falta de um projeto social mais justo, pelo eterno adiamento das suas utopias políticas.

A minissérie acompanha este itinerário, passando pela anistia, retorno dos exilados, o movimento das diretas, as primeiras eleições para governador em 1982 e a disputa eleitoral em 1984, entre Lula e Collor. Ou seja, mostra ficticiamente uma representação enredada nos fatos históricos, mas fundamentalmente o seu caráter é mais intimista, mostrando os rumos tomados pelos personagens que formam uma espécie de família. São desnudados os modos como constroem os seus caminhos, os seus percursos ideológicos e sentimentais, numa sociedade que vai se tornando mais complexa, em que a busca pela liberdade vai constantemente esbarrar nas dificuldades materiais e afetivas, nos problemas do mundo da casa e da rua, das relações sociais e interpessoais.

Fazendo um esforço para entender os fluxos e refluxos que atravessam a formação do imaginário e a ambiência social e política nos anos 70/80, fundamentais para deciframos o contemporâneo, encontramos autores, cujas leituras sinalizam diferentes olhares sobre as causas de a experiência atual ser esvaziada de uma prática discursiva mais consciente e politizada: dever-se-ia ao efeito da “espetacularização da

política”, como sugere Guy Debord, em suas teses sobre a “sociedade do espetáculo” [1967]. E por um outro prisma, o estágio atual da vida econômica, política e cultural seria um efeito gerado pelas mídias, enquanto vetores da produção técnica e ideológica das “simulações e simulacros”, conforme aponta Baudrillard [1981], mostrando a vida social engolida “midiaticamente” pelo complexo de redes e telas que - ao seu ver - desnaturalizaram o mundo real.

Para atualizarmos um olhar mais apurado sobre a equação do individual e o coletivo, um exercício estimulante, é uma leitura comparada entre duas obras distintas e bastante pertinentes nesta direção: *A sombra das maiorias silenciosas, o fim do social e o surgimento das massas* (Baudrillard, 1995 [1985]) e *O tempo das tribos, o declínio do individualismo na sociedade contemporânea* (Maffesoli, 1987).

Num outro registro, Edgar Morin (1986), explorando a complexidade do século XX, aponta para a necessidade da adoção de novos paradigmas para entendermos o estado das novas conjunções e disjunções psicológicas, sociais, econômicas, políticas, históricas e culturais, que acarretam os novos agenciamentos individuais e coletivos.

Para Maffesoli (2005), a metáfora da “transfiguração do político” traduz o novo contexto e os redirecionamentos dos grupelhos pós-68, cujos estilos de afetividade e “socialidade” indicam um novo estado de “tribalização do mundo”, com tudo o que isto contém de afirmativo e regressivo.

Quando analisamos um produto de comunicação, simultaneamente objeto de arte e objeto tecnológico, o desafio que se coloca consiste em detectarmos o acionamento estratégico de dispositivos críticos no próprio interior dos processos midiáticos, e é assim que podemos entender a pertinência das tramas discursivas tecidas no contexto de uma minissérie como *Queridos Amigos*. A proposta da autora é exitosa na medida em que desvela as dimensões subjetivas dos personagens, suas contradições e complexidades, incorporando o espírito do tempo dos “anos rebeldes”, suas utopias e expectativas, as dores, esperanças e desilusões de uma geração que passou por momentos difíceis, assim como a atualização de suas vivências, num outro contexto político, no período da redemocratização. Aqui se revelam outras formas de poder, de controle e igualmente outras estratégias de negociação, novas descobertas e novos

desafios. Perfazem-se outras modalidades de produção dos discursos políticos e outros agenciamentos afetivos, individuais e coletivos, que deslocam o foco do debate para além do Estado e das instituições tradicionais.

Tem-se assim uma “politização da vida cotidiana”, a busca da construção de uma nova relação com os outros indivíduos e isso exige a adoção de uma nova ética, novas táticas de sobrevivência norteadas por uma razão sensível que possa problematizar a chamada “condição pós-moderna”. A minissérie alerta para o cuidado de si, também na aquisição de novos procedimentos éticos, uma “estilística da existência”, como diz Foucault (1984), que possa ajudar a transcender o desequilíbrio das relações de poder, subverter “a lógica da dominação”, uma estratégia ético-política eficaz para enfrentar o “mal-estar da pós-modernidade”, como sugere Bauman (1998).

## **9. Para concluir**

A questão que se impõe não é mais perceber se a ficção da teledramaturgia permite conhecermos a realidade história, social e política. Já existe um consenso intelectual de que, num certo sentido, isto é possível. Partindo deste pressuposto julgamos poder assistir e interpretar uma minissérie como *Queridos Amigos*, assimilando aquilo que esta nos oferece em termos de uma reflexão que - tradicionalmente - tem sido objeto da filosofia, estética, sociologia, ciência política e ciências da comunicação.

Convém perceber que a realidade representada pelos audiovisuais possui uma natureza distinta da realidade representada pela produção literária e filosófica tradicionais. Para além da cultura verbal gerada pela mídia impressa, faz-se necessário iluminar um campo do saber que possa dar conta das três dimensões forjadas pelas narrativas seriais, que abrangem simultaneamente o texto, a imagem e o som. Envolvem, portanto, campos de significação que atuam diferentemente sobre a percepção estética, a memória e a inteligência cognitiva dos indivíduos e grupos sociais.

Na história da teoria da teledramaturgia encontramos refinados e cuidadosos olhares sobre a sua produção, a técnica, a ideologia, as formas de sua recepção, o poder do meio e a potência das mediações, as relações com a sociedade e o seu lugar no

mercado internacional, suas incursões do mundo da ética, da política e da vida cultural. Cumpriria ainda estudar a sua forma e sentido, por meio de uma hermenêutica histórica que pudesse captar as dimensões da sua comunicabilidade afetiva e as modalidades de vínculos que promove cotidianamente na espessura social; isto é o que, de certo modo, tentamos fazer aqui.

## 10. REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Zahar, 1998; \_\_\_ *Modernidade Líquida*. Zahar, 2001.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e Simulação* (Pereira, M.J.C., Trad.). Lisboa: Relógio d'Água, 1991 (Original publicado em 1981). \_\_\_ *À Sombra das Maiorias Silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1994
- CHAPARRO, C. "Telenovela na Berlinda: América, o novo Destino". In: JBCC – Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação. Ano 7, N. 268 - São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil –março de 2005.  
[http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc\\_mensal/jbcc268/polemicas\\_telenovelas.htm](http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc_mensal/jbcc268/polemicas_telenovelas.htm)  
acesso 21.04.08
- COSTA, J. F. *Narcisismo em tempos sombrios*. In; Site Ciência e Educação.  
[http://www.jurandircosta.hpg.ig.br/ciencia\\_e\\_educacao/9/artigos/narcisismo.html](http://www.jurandircosta.hpg.ig.br/ciencia_e_educacao/9/artigos/narcisismo.html)  
acesso 28/04/2004
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Ed. Contraponto, 1997.
- GUATTARI, F. *Revolução Molecular. Pulsações políticas do desejo*. Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio: Graal, 1979; \_\_\_ *História da Sexualidade*. Vol. 3, O cuidado de si. Rio: Graal, 1984.
- HOCQUENGHEM & SCHÉRER. *L'âme atomique*.
- LASCH, C. *Cultura do narcisismo*. Rio: Graal, 1983.
- LOBO, N. *Ficção e Política - O Brasil nas minisséries*. Manaus: Ed. VALER, 2002.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. Forense Universitária, 1987; \_\_ *Transfiguração do político*, tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MONTAIGNE, M. *Ensaio*. In: Os Pensadores. Abril Cultural, 1980.

MORIN, E. Appel d'Edgar Morin pour les biens communs. Site de Vídeo Daily Motion.

[http://www.dailymotion.com/relevance/search/Edgar%2BMorin/video/x5fc3a\\_appel-dedgar-morin-pour-les-biens-c\\_webcam](http://www.dailymotion.com/relevance/search/Edgar%2BMorin/video/x5fc3a_appel-dedgar-morin-pour-les-biens-c_webcam) Filmado em 14.05.2008,

acesso 06/06/2008

MORIN, E. *Para sair do século XX*. Ed. Nova Fronteira, 1986.

NIETZSCHE, F. “O crepúsculo dos ídolos”. In: Nietzsche, *Obras incompletas*. S. Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.

QUERIDOS AMIGOS. Site de vídeos YOUTUBE. Primeiro capítulo. Acesso em 27/05/08

<http://www.youtube.com/watch?v=KqMbkZon0Ss>

SENNET, R. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. S. Paulo: Cia das Letras, 1988.

SODRÉ, M. *Máquina de narciso*. *Televisão, indivíduo e poder no Brasil*. Achiamé, 1984.